



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE PEDAGOGIA**

EVA MARIA DANTAS

**DIÁRIO DE UM PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DE UM PROFESSOR EM UM ESPAÇO “FEMININO”**

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

EVA MARIA DANTAS

**DIÁRIO DE UM PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DE UM PROFESSOR EM UM ESPAÇO “FEMININO”**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Graduação
em Educação da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia

Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Soraya Maria Barros
de Almeida Brandão

**CAMPINA GRANDE – PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D192d Dantas, Eva Maria.

Diário de um professor da educação infantil [manuscrito] : construção da identidade de um professor em um espaço "feminino" / Eva Maria Dantas. - 2018.

24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Feminização do magistério. 2. O professor na Educação infantil. 3. Identidade profissional. 4. Formação de professores.

21. ed. CDD 371.11

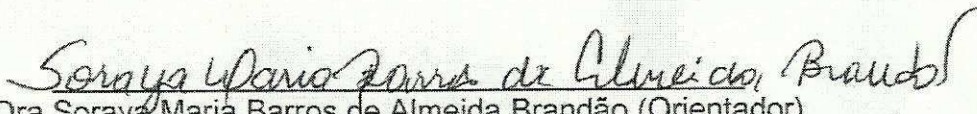
EVA MARIA DANTAS

DIÁRIO DE UM PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DE UM PROFESSOR EM UM ESPAÇO "FEMININO"

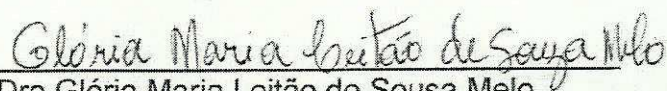
Artigo apresentado ao Programa de
Graduação em Educação da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: 18/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Dra Soraya Maria Barros de Almeida Brandão (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Dra Maria do Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Dra Glória Maria Leitão de Sousa Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, Edvânia da Costa e a minha Avó, Maria das Vitórias da Costa (In memoriam), que no meio de tantas dificuldades não mediram esforços para que eu chegasse até essa etapa da minha vida, essa realização é mais de vocês do que minha, meu maior exemplo de vida, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus que me iluminou, guiando meus passos todos os dias.

À minha Mãe Edvânia da Costa, pela educação que me destes, pela compreensão, força e por toda uma vida cheia de dedicação e amor. Obrigada, por acreditar em mim, és a minha base e o meu espelho. A você, todo o meu amor.

A minha Avó Maria das Vitórias da Costa (*in memoriam*), que pacientemente aguardava este dia, sonhando e ansiando minha realização. Embora no meio da trajetória tenha se ausentado fisicamente, sentia sua presença ao meu lado, sempre me dando força. Obrigada, por todos os ensinamentos que me passastes.

Ao meu pai José de Arimatéia Dantas, pelo pai maravilhoso que és, pelo carinho, educação e força que sempre me destes.

Aos meus irmãos Tiago Anderson e Alisson Yuri, por todo amor, força, por está sempre ao meu lado e pela compreensão dos meus estresses diários.

À minha irmãzinha, Ana Júlia, por todo amor, por aguentar minhas crises de ansiedade e por todas as leituras que fizestes, mesmo que obrigada.

Ao meu Padastro Lindomar Batista, por todo apoio e contribuição financeira que me deste para realização desse sonho.

A todos os meus familiares que contribuíram de forma direta e indiretamente para realização de mais essa etapa da minha vida.

À minha orientadora Soraya Maria Barros de Almeida Brandão, pelo exemplo de professora que és, pela paciência, por todas as leituras sugeridas, por sua orientação e por sua dedicação. A você, meu eterno agradecimento.

Á todos os professores do curso de Pedagogia da UEPB, que me instruíram durante esses cinco anos, compartilhando seus conhecimentos.

Aos professores da banca examinadora, por aceitarem participar desse momento, por lerem e darem preciosas sugestões para o aperfeiçoamento do meu trabalho.

À minha amiga Cinthia Dieska, companheira de ônibus e de vida, que desde sempre esteve ao meu lado me apoiando e me dando força. Obrigada, por todos os conselhos dados nas horas certas, por todas as leituras que fizesse desse trabalho e por todas as pressões, sem elas eu não teria conseguido chegar até aqui.

À minha amiga Juliana Nóbrega, pela força, apoio, por todas as leituras que fizesse do meu TCC, sem medir esforços e por todas as risadas que me destes nessa etapa cheia de dificuldades e surpresas, além de ter suportado todos os meus chiques. Com certeza, você foi o melhor presente que a universidade me deu. Obrigada, por todas as verdades ditas.

Às minhas amigas Vanessa Rodrigues e Vanessa Melo, pelo apoio, pela amizade, força, por terem me hospedado todas as vezes que precisei e pelo companheirismo durante essa trajetória.

À Clicia Macedo, pelas inúmeras vezes que me hospedou em seu apartamento sem medir esforços.

Ao professor entrevistado, que se dispôs a conceder-me entrevista, pela concessão de informações valiosas para a realização deste trabalho e pela postura seria e interessado, o qual relatou suas experiências.

A todas as minhas colegas de classe, em especial, à minha amiga, Elisângela Ramos e Mayra Ribeiro pelos momentos que passamos juntas trocando experiências nessa busca constante de conhecimentos. Obrigada a todas, pela amizade, por todo apoio, por todas as risadas e pelos momentos de loucuras que passamos juntas.

Por último, mas não menos importante, a Prefeitura Municipal de Picuí, pela contribuição do transporte, pois sem ele eu não teria conseguido.

A todos, muito obrigada!

Viver em sociedade é um desafio porque às vezes ficamos presos a determinadas normas que nos obrigam a seguir regras limitadoras do nosso ser ou do nosso não ser... Quero dizer com isso que nós temos, no mínimo, duas personalidades: a objetiva, que todos ao nosso redor conhece; e a subjetiva... Em alguns momentos, esta se mostra tão misteriosa que se perguntarmos - Quem somos? Não saberemos dizer ao certo!!! Agora de uma coisa eu tenho certeza: sempre devemos ser autênticos, as pessoas precisam nos aceitar pelo que somos e não pelo que parecemos ser... Aqui reside o eterno conflito da aparência x essência. E você... O que pensa disso? Que desafio, hein? ... Nunca sofra por não ser uma coisa ou por sê-la...
Clarice Lispector

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A FEMILIZAÇÃO E A FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO	9
3 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UM PROFESSOR EM UM ESPAÇO DITO FEMININO: ANÁLISE E DISCUSSÃO DA ENTREVISTA.....	13
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	22
APÊNDICES.....	24

DIÁRIO DE UM PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UM PROFESSOR EM UM ESPAÇO “FEMININO”

EVA MARIA DANTAS¹

RESUMO

Este estudo teve como objetivo discutir o processo de construção da identidade de um professor em um espaço ocupado majoritariamente por mulheres, considerando sua relação com as crianças e com as famílias usuárias da creche. Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, tendo como sujeito um professor que atua com crianças de 3 a 4 anos em uma creche localizada na cidade de Pedra Lavrada- PB. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada, a fim de permitir que o professor entrevistado falasse livremente sobre as questões propostas. Para um melhor entendimento do objetivo da presente pesquisa, achamos necessário, em um primeiro momento, realizarmos uma breve discussão do processo de feminização e a feminização do magistério, tendo em vista, que essa é uma área ainda pautada em uma visão biológica em que as desigualdades de gênero estão presentes. Como suporte teórico tivemos como base os estudos de Almeida (1998), Brandão (2007), Gonçalves e Penha (2010), Souza (2010), Louro (1997), entre outros. O estudo nos revelou que vivemos em constantes transformações e que muitas das profissões que antes eram desempenhadas apenas por mulheres ou por homens, hoje são realizadas por ambos. Entretanto, apesar de se ter tido um avanço e de se encontrar esses profissionais atuando nessa área, ainda é pequeno o número de professores homens na Educação Infantil. Por fim, ficou evidenciado, que a atuação de um professor de Educação Infantil não se constitui de maneira tão simples, tão aceitável, no contexto social e educacional. Entretanto, percebemos aqui que há uma necessidade de desconstrução dessa visão que homem pode fazer algo, pode desempenhar tal profissão e mulher não, o mesmo ocorre no que se refere à mulher, tendo em vista que ainda é considerado um grande desafio a inclusão do homem dentro desse espaço ainda visto como feminino.

Palavras-Chave: Feminização do magistério. O professor na Educação infantil. Identidade profissional. Formação de professores.

¹ Aluno de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: evinhalira1@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em constantes transformações, logo a relação entre gênero e profissão está no meio delas, haja vista que muitas das profissões que antes eram desempenhadas apenas por mulheres ou por homens, hoje são realizadas por ambos. Vale ressaltar que apesar de se ter tido um avanço e de se encontrar esses profissionais atuando em todas as áreas, ainda é pequeno o número de professores na Educação Infantil. “A ausência de homens trabalhando nas creches tem sido discutida há anos [...] e parece não ser fácil estimular rapazes a trabalharem no setor. [...] atitudes estereotipadas quanto aos papéis sexuais seriam as principais razões para tal relutância” (GUNNARSSON 1994 apud SOUZA, 2010, p.20). A escolha por esse tema se deu através de uma conversa informal que tivemos com uma professora, a qual nos aflorou a curiosidade acerca de como se deu a construção da identidade de um professor da Educação Infantil, considerando-se que essa área ainda é considerada um espaço feminino.

A relação entre o sexo feminino e a educação, principalmente a educação de crianças pequenas, é algo que foi construída culturalmente, desde os primórdios dos tempos. Isso se deu através da relação da mulher com o cuidar, pois a função dela era apenas essa, o cuidar: do lar, dos filhos e do marido. Em decorrência, foi-se criando uma dicotomia de papéis masculinos e femininos. Diante disso, vê-se a importância de se fazer um estudo nessa área, considerando que nos dias de hoje o educador infantil ainda sofre diversos preconceitos, haja vista que essa área ainda é considerada uma área “feminizada”. Nesse sentido, temos como pretensão esclarecer nossa curiosidade através de algumas questões: Você sofre algum preconceito por ser professor da Educação Infantil? Como as crianças reagem a sua presença no espaço da creche? Como as famílias usuárias da creche reagem a sua presença no espaço da criança? O que você sentiu mais dificuldade no exercício da docência na Educação Infantil?

Diante disso, a presente pesquisa teve como objetivo discutir o processo de construção da identidade de um professor em um espaço ocupado majoritariamente por mulheres, considerando sua relação com as crianças e com as famílias usuárias da creche. Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, tendo como sujeito um professor que atua com crianças de 3 a 4 anos em uma creche localizada na cidade de Pedra Lavrada- PB. Segundo Goldenberg (1999, p.p.

49-50): “as abordagens qualitativas não se preocupam em fixar leis para se produzir generalizações. [...] os métodos qualitativos enfatizam as particularidades de um fenômeno em termos de seu significado para o grupo pesquisador.” Como instrumento de coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada, a fim de permitir que o professor entrevistado falasse livremente sobre as questões propostas. Como suporte teórico, tivemos como base os estudos de Almeida (1998), Brandão (2007), Gonçalves e Penha (2010), Souza (2010), Louro (1997), entre outros.

Para um melhor entendimento das questões propostas, organizamos nosso estudo em dois tópicos. No primeiro tópico discorremos sobre a familização²² e a feminização³³ do magistério, onde fizemos uma discussão sobre os papéis sociais (binarismo homem e mulher), ainda nesse tópico analisamos como se deu o processo de feminização da profissão docente. No segundo tópico discutimos a construção da identidade de um professor em um espaço dito feminino. Nele abordamos como se deu a construção do ser professor da Educação Infantil, desde sua escolha por essa profissão, até suas dificuldades. Por fim, finalizamos com o texto trazendo considerações finais acerca da nossa compreensão desse estudo, e em seguida, as referências as quais utilizamos nesse escrito.

2 A FAMILIZAÇÃO E A FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO

Este tópico tem como objetivo discutir os “papeis” sociais do homem e da mulher, de forma mais específica o processo de feminização da profissão docente, acarretado por algumas características consideradas femininas, na qual em oposição a uma perspectiva profissional os homens teriam mais oportunidades.

² A palavra “feminização” vem do termo feminilidade, o qual podemos entender essa palavra como sendo o “sentido de destacar o sexo ou características anatomico-fisiológicas das pessoas contabilizadas na análise quantitativa da composição de uma profissão ou ocupação” (YANNOULAS, 2011, p. 273). Disponível em: <file:///C:/Users/Eva/Downloads/1368-3348-1-PB.pdf> 20/06/2018.

³ A origem da palavra “feminização” vem de: feminizar + ção. Contudo, entendemos por essa palavra como sendo uma ação ou efeito de feminizar, de atribuir um aspecto, gênero ou caráter feminino a algo ou alguém: processo de feminização de profissões anteriormente masculinas. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/feminizacao/> 20/06/2018.

Historicamente, podemos perceber que sempre existiu o binarismo entre homem e mulher. Esses indivíduos são atribuídos a diferentes capacidades, devido às questões de gênero, as quais a sociedade criou, gerando assim papéis diferentes. Por exemplo, percebemos que a mulher teve uma educação diferenciada da do homem, pois ela era educada para servir a esse ser. A mesma era e podemos dizer que ainda é considerada um indivíduo do sexo frágil, um ser incapaz de realizar algumas atividades. Sendo assim, o “papel” da mulher era ser mãe e esposa. Diante disso, a sociedade reunia algumas qualidades importantes para a vida social, mais especificamente para a docência na Educação Infantil, as quais a grande parte das mulheres continha, tais como: “[...] atributos de pureza, doçura, moralidade cristã, maternidade, generosidade, espiritualidade e patriotismo, entre outros, que colocavam as mulheres como responsáveis por toda beleza e bondade que deveriam impregnar a vida social (ALMEIDA, 1998, p.16).

Diante disso, podemos perceber que sempre existiu essa divisão de papéis, onde o que diferenciava era o sexo. Em consonância, segundo Barros citada por Brandão (2007, p. 24), “Confinaram as mulheres aos afazeres domésticos, sem lhes reconhecer qualquer valor; convenceram-nas que deviam obediência aos pais e maridos; estigmatizaram-nas como inferiores corporal, espiritual e intelectual [...].” Para a autora supracitada, as mulheres eram consideradas inferiores aos homens, sendo responsáveis apenas pelas coisas domésticas, cuidar do lar, do marido e dos filhos. Já, por outro lado, os homens tinham todo o poder e instituíam sua superioridade. Esses eram quem tinha o direito de viver na vida pública, de estudar nas universidades e de desempenhar as profissões assalariadas. Assim, a condição social feminina era diretamente associada à maternidade e aos afazeres domésticos, sendo, portanto, considerada ‘rainha do lar’.

Conforme Hirata; Kergoat (apud MONTEIRO E ALTMAN, 2014, p. 722):

A expressão ‘divisão sexual do trabalho’ vem sendo utilizada em dois sentidos distintos, sendo que o primeiro se refere à distribuição desigual de homens e mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões no decorrer do tempo, diferença associada à desigualdade na divisão do trabalho doméstico entre os sexos. No segundo sentido, busca-se revelar a sistematicidade dessas desigualdades no mercado de trabalho, analisando a forma como a sociedade utiliza tais diferenças para hierarquizar as atividades e, conseqüentemente, os sexos, criando um ‘sistema de gênero’, com enfoque nas relações sociais entre os sexos.

Segundo as autoras, essa divisão por gênero que acontece nas atividades é algo que vêm ocorrendo ao longo dos anos, divisão essa que se deu por meio da desigualdade nas profissões e nos cargos oferecidos, ou seja, podemos perceber que desde sempre houve essa discriminação em relação à mulher. Logo, Brandão (2007, p. 23) chama nossa atenção para um contexto onde “as sociedades foram contaminadas por uma máxima que se reafirma constantemente: a superioridade do macho sobre a fêmea, fenômeno que se manifesta no âmbito biológico, intelectual, social e religioso”. Portanto, quando se fala no homem e na mulher é perceptível que há uma relação de poder, onde os homens são os dominadores e, as mulheres, as submissas.

De acordo com Brandão (2007, p.23):

A sociedade se organiza, destinando atividades e lugares a cada um dos sexos: o público reservado aos homens e a casa (privado) reservada as mulheres. A casa, também, era dividida, ou seja, os salões para os homens e as alcovas para as mulheres. Assim, a ordem social legitima a divisão sexual do trabalho e ratifica a dominação masculina, sobre a qual se alicerçam as ações do homem e da mulher.

Contudo, quando se fala sobre homem e mulher é perceptível a relação de poder e as desigualdades existentes entre esses indivíduos. Em outras palavras, durante muitos anos, a mulher assumiu uma posição de submissão, sendo vitimizada em relação ao sexo masculino. De acordo com Louro (1997, p.38), “[...] um homem dominante versus uma mulher dominada”.

Entretanto, por volta do final do século XIX e início do século XX, com o processo de industrialização, ocorreram várias mudanças no que se refere ao papel da mulher na sociedade, aumentando, de forma considerável, a presença de mulheres no espaço público, especificamente na indústria. Surgiu, então, o movimento feminista para lutar contra a opressão e desigualdades sociais existentes e pelos direitos de igualdade, no que se referia à educação, ao voto e a profissionalização.

Assim, decorrente dessas lutas, da expansão do capitalismo e com o avanço da industrialização, a partir de meados do século XX, a mulher começou a ganhar espaço no mercado de trabalho. Porém, conforme Brandão (2007, p.34):

Para conservadores, o movimento da mulher, da casa para fábrica, significava degradação moral, rupturas com funções naturais. Mulheres trabalhadoras passavam a ser consideradas desertoras do lar. Sua inserção no mundo dos homens, o mundo do trabalho produtivo representava a perda da feminilidade tomada como vocação materna e domesticada.

Nesse contexto, percebemos que as mulheres além de serem donas de casa, queriam também ingressar no mercado de trabalho. Logo, elas começaram a ter certo espaço nesse mercado, onde uma das primeiras oportunidades de emprego, depois de sua inserção na indústria, foi a do magistério. Mas com isso, também houve críticas dos moralistas, uma vez que eles recriminavam aquelas que de alguma forma tentassem agredir a moral, cujas funções de homens e mulheres deveriam ser preservadas. Para Hirata; Kergoat (apud MONTEIRO; ALTMAN, 2014, p.04):

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.).

Em decorrência, podemos perceber que o cargo no magistério oferecido às mulheres também era uma forma de divisão sexual do trabalho, já que de acordo com os autores supracitados à mulher estaria ligada a reprodução, e o homem a produção. Logo, a docência na Educação Infantil, a qual foi imposta às mulheres era um trabalho associado aos afazeres domésticos e ao exercício da maternidade.

De acordo com Almeida (1998, p. 23-24):

O fato de não ingressarem nas demais profissões, acessíveis somente ao segmento masculino, e a aceitação do magistério, aureolado pelos atributos de missão, vocação e continuidade daquilo que era realizado no lar, fizeram que a profissão rapidamente se feminizasse.

Diante disso, vemos que um dos principais motivos da mulher ter ingressado nessa profissão é por causa das habilidades que elas tinham com a maternagem⁴ e com o cuidar, pois as atividades que elas desempenhavam lá eram uma continuidade daquilo que elas praticavam no seu cotidiano. Sendo assim, o magistério tornou-se uma área de atuação feminina. Dessa forma, para Louro (apud GONÇALVES; PENHA, 2015, p.174):

[...] as mulheres tinham, 'por natureza', uma inclinação para o trato com as crianças, que elas são as primeiras e "naturais educadoras". Portanto nada mais adequado do que lhes confiar à educação dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, uma 'extensão da maternidade', cada aluno ou aluna vistos como filho ou filha 'espiritual'.

Em consonância, fica nítido que o magistério era um trabalho que exigia responsabilidade, dedicação e doação. Onde a mulher era a principal responsável por isso. As mesmas, segundo a autora, eram tidas como "mães espirituais", cujas atividades exercidas fora do lar, tinham que ser semelhantes as que eram realizadas em casa.

Com base no escrito, conclui-se que esse binarismo entre homens e mulheres é algo que vêm desde os primórdios. Esse fato foi marcado por muitas desigualdades, dominação e submissão. Houve muitas lutas e avanços no que se refere aos direitos de igualdades, porém há muito que se conquistar ainda. No próximo tópico iremos discutir sobre como se deu a construção da identidade de um professor em um espaço cujo ainda hoje é considerado feminino.

3 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UM PROFESSOR EM UM ESPAÇO DITO FEMININO: ANÁLISE E DISCUSSÃO DA ENTREVISTA

Neste tópico, discutiremos a construção do ser professor da Educação Infantil abordando os motivos da escolha profissional e, por conseqüente, as decorrências e

4 O termo maternagem é entendido como a condição de amar, proteger, doar, amparada no profundo desejo de cuidar.

dificuldades dessa escolha, tendo em vista que a Educação Infantil ainda é uma área associada à figura feminina.

Percebemos, que nos dias de hoje ainda existe uma concepção de hierarquia de dominação de gênero, onde o masculino se sobressai ao feminino, acompanhado de preconceitos e daquela velha visão de que homens podem fazer “algumas coisas”, já as mulheres não e vice-versa. Já vimos no tópico anterior que as atividades desenvolvidas pelas mulheres estão mais ligadas à questão da reprodução e as dos homens a produção. Contudo, isso implica, de certa forma, numa classificação das profissões, conforme atesta Barrett (1980 apud SOUZA, 2010, p.25) “resulta numa correspondência entre os tipos de ocupação predominantemente femininos e a divisão do trabalho familiar: cuidados com a alimentação e saúde, o serviço doméstico [...] fazem parte dessa relação entre trabalho doméstico e o exercido fora de casa pela mulher.”

Durante muito tempo, a docência das crianças pequenas foi exercida pelas mulheres, tendo a inclusão do homem nessa profissão se dado de forma bem tímida, inclusive gerando desaprovação ou insegurança por parte das famílias acerca de homens ocuparem esses papéis. Isso tem gerado muitas dificuldades para aqueles que desejam esse nível de educação para o exercício da docência, especialmente por esse não ser ainda entendido como um espaço masculino, o que compreendemos como estereótipos sociais.

Para discutirmos melhor essa questão, realizamos uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. Conforme Yin (2005 apud MEIRINHOS; OSÓRIO, 2010, p. 54), “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.” Contudo, ela nos possibilitou estudar tanto o fato em si, como o seu contexto. Logo, esse é um estudo empírico, que usufrui de uma adequada fonte de informações, a entrevista. Entretanto, tivemos como sujeito um professor que atua em uma creche localizada na cidade de Pedra Lavrada- PB, o qual o denominamos de PR para preservar a sua identidade. O mesmo tem graduação em Física e Pedagogia, e pós-graduação em Educação Infantil, Orientação e Supervisão, atua nessa área há seis anos.

Como instrumento de coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada (apêndice A). Segundo Manzini (1990, p. 154), “a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas

principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista.” Essa entrevista foi utilizada a fim de permitir que o professor entrevistado falasse livremente sobre as questões propostas, haja vista que esse tipo de pesquisa é flexível. A entrevista aconteceu em um lugar escolhido pelo entrevistado, onde isso permitiu que o mesmo ficasse bastante à vontade. A mesma foi gravada em áudio, transcritas na íntegra. Vale ressaltar que conseguimos essa entrevista por meio de contatos pessoais com uma professora de creche da rede pública municipal, onde buscamos informações acerca de que se havia algum homem trabalhando como professor em alguma das creches da região. Logo, foi constatado que existia apenas um professor exercendo essa função, em uma das creches. Em consonância, entramos em contato com ele, e marcamos um dia para nos encontrarmos e realizarmos a entrevista.

A entrevista foi realizada com o intuito de analisar como se deu a trajetória profissional de um professor da Educação Infantil, partindo desde a sua opção por essa carreira, percorrendo por sua escolha, por seu ingresso na docência, até sua relação com as crianças e famílias, haja vista que nessa área ainda é muito corrente a desigualdade de gênero. Na entrevista abordamos algumas questões, tais como: 01) Como você chegou a ser professor da Educação Infantil? 02) O que lhe levou a escolher essa profissão? 03) Como foi seu processo de formação? 04) Você sofre algum preconceito por ser professor da Educação Infantil? 05) Como as crianças reagem a sua presença no espaço da creche? 06) Como as famílias usuárias da creche reagem a sua presença no espaço da criança? 07) O que você sentiu mais dificuldade no exercício da docência na Educação Infantil?

Ao ser indagado sobre como chegou a ser professor nessa área, PR demonstrou que ser professor da Educação Infantil não foi sua primeira opção, mas que a escolheu por uma oportunidade que surgiu.

Bem, eu era professor de física do quinto ano em uma escola em Pedra Lavrada. Dai na época abriu uma formação para o curso de pedagogia aqui em Picuí, tive a oportunidade, entrei e fiz um concurso em 2010, [...]. Ai eu fiz, passei no concurso e lá até eu imaginava que por ter experiência com adolescentes e com o Ensino Médio iriam me colocar em turmas de 5º ano, iriam aproveitar para turmas desse tipo, só que não. Me colocaram para uma creche, [...] me colocaram em uma creche (PR, questão 01).

Podemos perceber através dessa fala, que a Educação Infantil não foi sua primeira escolha, mas que decidiu fazê-la por uma chance que surgiu como já foi supracitado, tendo em vista que o mesmo a escolheu pensando que ao ingressar nessa área continuaria trabalhando com crianças maiores. Sendo assim, outro fator relevante é que quase todos os homens licenciados em Pedagogia imaginam-se atuando em turmas de crianças maiores, mais velhas. “Os homens [...] em geral preferem trabalhar com crianças maiores” (GONÇALVES E PENHA, 2015. p.182), o que confirmamos através da fala dele, quando o referido professor foi colocado para atuar em uma creche, e daí ele diz: “o pessoal me colocou meio fora de destino porque realmente eu, eu nunca me imaginei dando aula em turmas de creche [...]. Enfim, fiz concurso e fui mandado para creche” (PR, questão 01).

Ao perguntarmos sobre como se deu a sua escolha profissional, constatamos que o professor sempre quis a área de licenciatura, apesar de nunca ter se imaginado na Educação Infantil.

Bem, professor eu nunca escolhi outra profissão para minha vida. E desde o meu primeiro vestibular que foi para área de licenciatura e eu tive pelo menos profissionalmente um relativo sucesso com isso [...]. (PR, questão 02).

Diante da resposta expressa pelo professor, notamos que os motivos pela sua escolha profissional foram dois: o primeiro, é que sempre foi à área que ele quis, e o segundo, foi pela tentativa de fazer mudanças na sociedade, como demonstrado abaixo:

[...] meu sonho sempre foi fazer o melhor possível, dando aula mais diferente das aulas que eu tive porque eu achava que não era bacana, sabe? Sempre tentei fazer uma aula diferente, até me perguntaram como é que eu fazia para melhorar como professor? Não repetindo os erros nem dos meus professores e nem os meus, passados, [...]. E então foi, e foi nesse ritmo, e gostei da parte de Educação [...]. E fui me identificando cada vez mais, criando laços muito forte com os alunos, [...], com as famílias [...] então tomei gosto e foi escolha minha (PR, questão 02).

Diante do exposto, percebemos que essa profissão não foi escolhida apenas por causas pessoais, mas também por ações sociais negativas que ocorreram no processo de educação do dito professor. Ações essas, que na maioria das vezes

afeta e muito os indivíduos. Logo, essas ações negativas, se transformaram em ações positivas, uma vez que deu ao PR o desejo e a possibilidade de querer buscar o melhor e fazer a diferença na vida dos alunos. Nesse sentido, entendemos como é relevante que o profissional de educação reveja suas práticas, tornando-se um profissional “capaz de ensinar e aprender e também de refletir suas práticas sempre que necessário” (GONÇALVES E PENHA, 2015, p. 178).

Ao perguntarmos se houve, ou se há algum preconceito e como era a relação com as famílias, PR nos respondeu logo que sim, houve muito preconceito e estranhamento. O mesmo nos relatou que os preconceitos começaram logo quando ingressou no Curso de Pedagogia. Vale ressaltar que ele também nos relatou que foi muito difícil o seu processo de formação, devido à esses preconceitos, e que logo após ingressar nas salas de aulas, começaram os preconceitos novamente, porém, agora vindos também das famílias dos alunos. Segundo PR, essa estranheza não se estendeu por muito tempo, pois com alguns dias todos já tinham se acostumado com sua presença. Assim, PR nos aponta que:

[...] disso não se tem a menor dúvida, principalmente homens [...]. Primeiro período me disseram lá, olhe você vai ser chamado de viado, [...], estou explicando a expressão que me disseram, entendeu? Na primeira reunião pedagogia o secretário me disse isso, [...] Eu fui e falei pra ele, olhe eu não tenho dúvida nenhuma da minha sexualidade, não tenho problema nenhum com isso não, não vai mudar em nada não. [...] mas assim no início foi difícil, [...] várias gerações tinha passado por mim como meus alunos, minhas alunas, quando eu era professor de física, [...]. Até filhos desses meus alunos estavam lá nessa turma que eu peguei, e o pessoal não imaginava de forma alguma que aquele professor de física, daquela forma que era professor de adolescente, de adulto fosse para dentro de uma creche com crianças de quatro anos dando aula, [...], e houve muito assim do pessoal olhar torto pra isso [...] depois de duas semanas ai isso já acabou. (PR, questão 04).

Diante disto, vimos que tanto o ingresso como a atuação nessa área da educação é algo que ainda vem coberto de preconceitos e estereótipos no que se refere ao homem. Logo, esse professor já tinha experiência na docência, pois antes atuava como professor de física. No entanto, apesar de muitos dos pais das crianças que estavam na creche terem sido seus alunos, isso não impediu que inicialmente ocorresse um estranhamento, o preconceito, o “olhar torto”. Sobre isso, Souza

(2010, p. 31) discorre que “os homens podem inserir-se com competência nesta profissão”, porém,

[...] acreditam na existência de um estranhamento inicial, especialmente por parte das famílias, acerca de suas presenças neste ambiente. Porém trazem claramente a possibilidade de desconstrução deste posicionamento inicial em relação à figura masculina, resultando na (re) significação das concepções iniciais que levavam a um receio, e na conquista da confiança em suas pessoas e em seus trabalhos, que só poderiam se dar nas interações estabelecidas e na co-construção de significados acerca da ocupação pelo homem deste espaço profissional (SOUZA, 2010, p. 31)

Contudo, ao perguntarmos qual foi à reação das famílias das crianças usuárias da creche em relação a se ter um professor homem atuando nesse espaço “feminino”, PR nos relata que:

No início [...] até eu mesmo não tinha certeza nem que eu iria ficar. Talvez eu não me adaptasse e saísse até do emprego. [...] mas depois, muito, muito rapidamente, eu também me adaptei [...] até para minha própria surpresa mesmo [...], e de lá, em seguida quando eu comecei a ter mais segurança [...], eu tirei de letra [...], hoje é assim (PR, questão 06).

Diante do exposto, vimos que até mesmo o próprio professor tinha uma certa resistência em relação a atuar nessa área, na Educação Infantil. Mas, que com o passar dos dias, o mesmo foi se acostumando.

Já a relação do professor com as crianças, se deu toda por um processo de readaptação, onde PR nos relatou que teve que aprender tudo de novo, a se comportar dentro da sala de aula, a se vestir, a falar e a andar.

Eu primeiro tive que me adaptar. Educar o meu corpo porque eles eram muito pequenininhos e até um movimento mais brusco poderia machucá-los, e então assim eu passei por um processo de adaptação mesmo, até o meu gestual, o meu comportar, a forma de vestir, de andar, na rua mesmo o meu tratamento com eles eu tive assim que ir prestando atenção e me adaptando a isso [...], mas a diferença dos adolescentes para esse público é que o retorno é de imediato com o professor, se a criança gostou de você, ela gostou de você, ela vem para perto de você e te agarra e toma posse do teu

corpo, quer tocar, quer ta junto, quer ta próximo, tudo. [...] a troca como foi imediata na afetividade, foi impressionante [...], é comovente eee então, eu tive muita dificuldade pra me adaptar às crianças. Depois de uma, ou duas semanas [...], já estavam próximos. [...] então as crianças [...] se aproximaram bem, mas depois de sei lá um mês, [...] era eu andando na cidade, na praça e um monte de crianças correndo atrás de mim para me abraçar, chega era um pouco estranho no início porque não era da minha prática, [...], mas já acabou, perdi a vergonha muito rapidamente [...] (PR, questão 05).

Diante da fala exposta, percebemos que a relação das crianças com o professor foi tranquila, isso no que se refere às crianças com o professor, as mesmas se adaptaram facilmente e rapidamente. Já o professor com as crianças teve que passar por uma fase de readaptação, no que se refere ao físico e ao psicológico. Souza (2010, p. 101) diz que “As práticas vivenciadas pelas crianças no espaço da creche, na concretude de uma relação que tem o homem como educador, (des)constroem estigmas e preconceitos”. Podemos perceber nessas práticas que o professor estabelece “um clima de segurança, confiança, afetividade” (BRASIL, 2010, p. 49), com as crianças, o que dá “o tom de qualidade da interação entre adultos e crianças. O professor, consciente de que o vínculo é, para a criança, fonte contínua de significações, reconhece e valoriza a relação interpessoal”. (BRASIL, 2010, p. 49).

Ademais, o educador foi interrogado sobre o que mais ele sentiu dificuldade nessa atuação. O mesmo nos relatou que de início sentiu dificuldade em tudo, pois chegou lá de “paraquedas”, apenas com a teoria.

Olha no início eu não sabia de nada, assim. Para falar a verdade eu não sabia nem ééé em termo de conteúdos, vamos falar assim [...], não é a palavra mais adequada nesse momento, mas vamos falar [...] o que se ensina a uma criança de três e quatro anos, [...]. A gente ler, a gente estuda, mas ta ali no papel é uma coisa, na realidade é outra [...], eu tive dificuldade nisso, não estava na minha prática e a universidade ela não te prepara mesmo pra isso, ela te dá uma base filosófica de conhecimento, uma base teórica, mas a prática é a prática e não tem jeito, [...] E outra coisa a parte física mesmo, como me comportar porque tipo era um monstro, um metro e setenta e dois; oitenta quilos no meio daquelas crianças lá bem pequenininhas, então, até o teu joelho de mau jeito se bater na boca de uma criança vai cortar. E outra coisa eu não canto, isso é um problema [...], porque pra criança o canto é uma coisa muito forte [...] mas isso só foi no primeiro ano, depois no segundo eu perdi a vergonha, sabe? E depois do ano seguinte que eu peguei uma turma

que tinha quatro alunos especiais [...]. Mas as dificuldades é coisa normal do professor [...] mas depois que eu me acostumei foi [...] muito, muito legal a ponto de no ano seguinte os pais quererem saber qual o horário que eu ia dá aula para matricular os filhos naquele horário. (PR, questão 07).

Diante do exposto, percebemos que o professor passou por muitas dificuldades durante a fase inicial da docência na Educação Infantil. Desde a questão dos conteúdos propriamente ditos, da sua postura como professor dessa área, até a questão do canto. Assim, entendemos na fala do professor uma preocupação voltada ao lúdico na Educação Infantil, quando este fala sobre o canto, apontando como uma “coisa forte” para as crianças. Certamente, as Diretrizes Curriculares para Educação Infantil - DCNEI, nos aponta a ludicidade como um dos seus princípios estéticos, apontando a importância “da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão” (BRASIL, 2010, p. 16).

Frente às situações observadas a partir da entrevista realizada, percebe-se que no contexto atual ainda é forte o estranhamento por parte não só das mulheres profissionais, como também das famílias das crianças que frequentam as creches.

Portanto, percebemos através das questões apontadas pelo professor que o trabalho docente na Educação Infantil ainda apresenta resistência com relação ao gênero masculino, visto que durante anos este foi um lugar voltado apenas para o público feminino.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo discutir o processo de construção da identidade de um professor em um espaço ocupado majoritariamente por mulheres, considerando sua relação com as crianças e com as famílias usuárias da creche.

Diante do estudo proposto, constatamos que a atuação deste professor homem na Educação Infantil passou e ainda passa por diferentes estágios, desde a questão da resistência, dos preconceitos até a adaptação e aceitação, mas que apesar disso, ainda hoje essa profissão carrega muitas características ligadas ao sexo feminino. Em decorrência, foi-se criado um tipo de estereótipo social, onde ainda se tem aquela velha visão de que a Educação Infantil é um espaço destinado,

apenas para mulheres. Percebemos isso no decorrer da fala do professor PR, onde ainda se encontra muito preconceito, tanto das mulheres como dos próprios homens.

Ficou evidenciado que a atuação de um professor de Educação Infantil não se constitui de maneira tão simples, tão aceitável, no contexto social e educacional, partindo desde o próprio profissional que, muitas vezes, entra na área por diversos motivos e, não a priori, por ansiar como um sonho pessoal ou uma aptidão, como também por parte das crianças e de seus familiares que incubem um estranhamento ao ver um homem em um contexto socialmente entendido como feminino.

Percebemos, aqui, que há uma necessidade de desconstrução dessa visão estereotipada sobre os papéis sociais em que homem pode atuar na docência da Educação Infantil, pode desempenhar tal profissão e mulher não, o mesmo ocorre no que se refere à mulher, tendo em vista que ainda é considerada um grande desafio a inclusão do homem dentro desse espaço ainda visto como feminino. Por fim, salientamos que esse escrito não pretende encerrar a temática por aqui, mas que venham outras inquietações.

DIARY OF A TEACHER OF CHILD EDUCATION: CONSTRUCTION OF THE IDENTITY OF A TEACHER IN A "FEMININE" SPACE

ABSTRACT

This study aimed to discuss the process of constructing the identity of a teacher in a space occupied mostly by women, considering their relationship with children and families using the day care center. For this, we conducted a qualitative research of the type of case study, having as subject a teacher who works with children from 3 to 4 years in a day care center located in the city of Pedra Lavrada - PB. As an instrument of data collection, we used the semi-structured interview, in order to allow the teacher interviewed to speak freely about the proposed questions. For a better understanding of the objective of the present research, we consider it necessary, at first, to make a brief discussion of the process of femilization and the feminization of the teaching profession, considering that this is an area still based on a biological vision in which the inequalities are present. As a theoretical support, we have based the studies of Almeida (1998), Brandão (2007), Gonçalves and Penha (2010), Souza (2010), Louro (1997), among others. The study has revealed that we are in constant transformation and that many of the professions that were once performed only by women or men are now carried out by both. However, although there has been a breakthrough and if these professionals are working in this area, the number of male teachers in Infant Education is still small. Finally, it was evidenced that the

performance of a teacher of Early Childhood Education is not so simple, so acceptable, in the social and educational context. However, we realize here that there is a need to deconstruct this view that man can do something, can perform such a profession and woman not, the same thing happens with regard to women, considering that it is still considered a great challenge the inclusion of man within this space still seen as feminine.

Keywords: Feminization of teaching. The teacher in Infant education. Professional identity.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BRANDÃO, Soraya Maria Barros de Almeida. **A centralidade na maternagem na relação pedagógica da Educação Infantil: o discurso de docentes e famílias usuárias da creche**. Campina Grande: UEPB, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6º ed. Petrópolis – RJ. Vozes, 1997.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros** Disponível na Internet via WWW URL: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3145622/mod_resource/content/1/Entrevista%20semi%20estruturada%20estudo%20UNESP%20Mari%CC%81lia.pdf Arquivo acessado / capturado em 10/06/2018.

MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António. O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. Disponível na Internet via WWW URL: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3961/1/O%20estudo%20de%20caso%20como%20estrat%C3%A9gia%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf> Arquivo acessado / capturado em 10/06/2018.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. **Homens na Educação Infantil: Olhares de Suspeita e Tentativas de Segregação**. Disponível na Internet via WWW URL: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v44n153/a12v44n153.pdf> Arquivo acessado / capturado em 29/10/2017.

GOÇALVES. Joseane Peres; PENHA. Natalia Ribeiro da. **Professor homem na educação infantil: o olhar de acadêmicos e alunos egressos do curso de pedagogia**. Florianópolis, 2015. V.17, n. 32. P.170-192.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

SOUZA, Mara Isis de. **Homem como professor de creche:** sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais. Ribeirão Preto, 2010. 248 p. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, 2010.

APÊNDICE

APÊNDICE A

QUESTÕES DA ENTREVISTA

1. Como chegou a ser professor da Educação Infantil?
2. O que lhe levou a escolher essa profissão?
3. Como foi seu processo de formação?
4. Você sofre algum preconceito por ser professor da Educação Infantil?
5. Como as crianças reagem a sua presença no espaço da creche?
6. Como as famílias usuárias da creche reagem a sua presença no espaço da criança?
7. O que você sentiu mais dificuldade no exercício da docência na Educação Infantil?